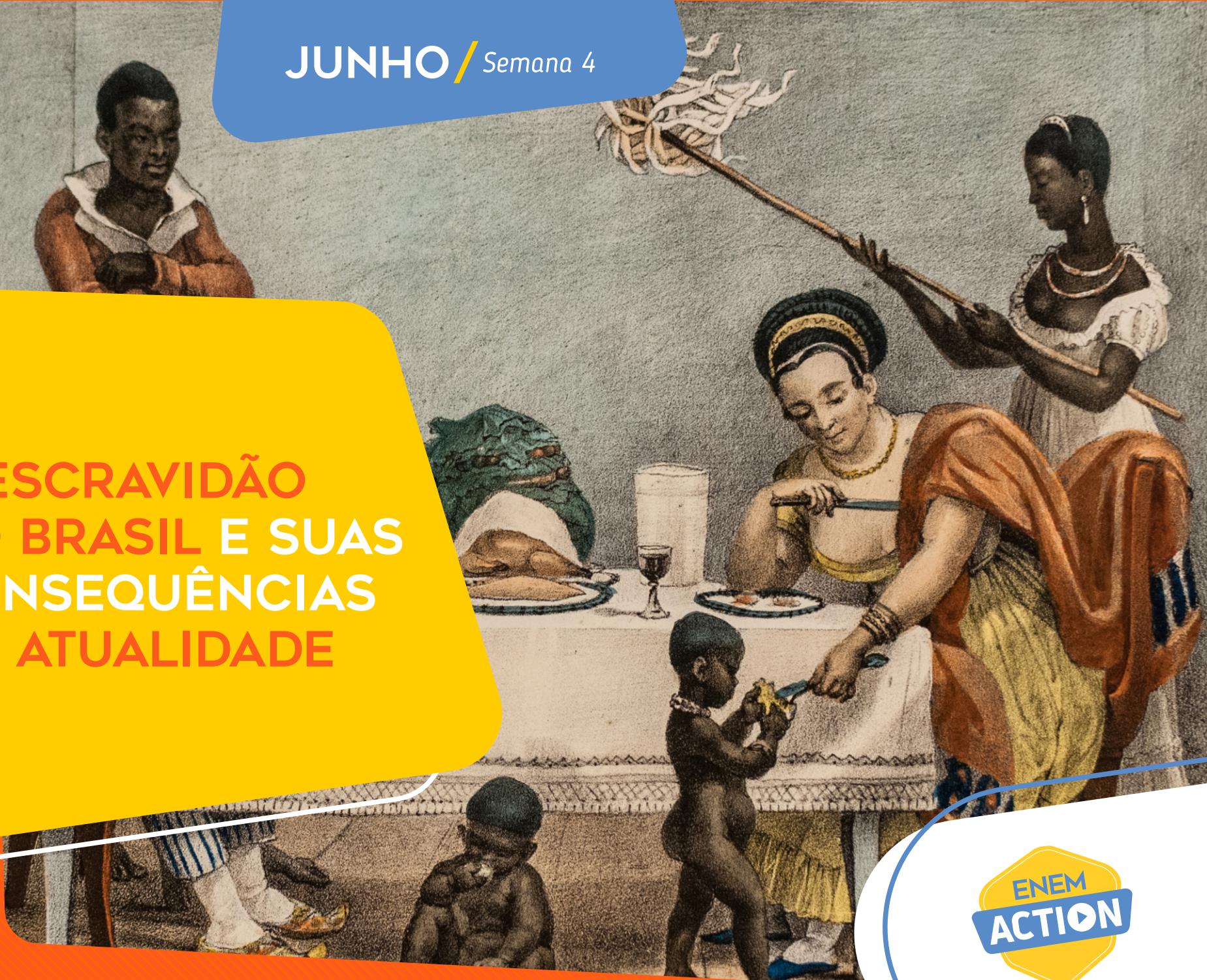


JUNHO / Semana 4

# A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ATUALIDADE



# A ESCRAVIDÃO NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ATUALIDADE

*Estudar História é um exercício de compreensão do presente. E, hoje, um dos principais problemas que podemos perceber na sociedade brasileira é a sua profunda desigualdade social e o racismo que estrutura as relações políticas, econômicas, sociais, culturais, enfim, todos os aspectos da vida.*

*Para entender essa questão e, principalmente, para conseguir enfrentá-la, é preciso analisar o processo histórico de formação do Brasil enquanto nação, que possui como elemento central o escravismo.*

*Este e-book tem como objetivo apresentar um panorama da escravidão no Brasil e suas consequências e impactos na nossa sociedade.*

## ESCRavidÃO NA COLÔNIA

A mão de obra base ao longo da colonização do Brasil foi a escravizada. Inicialmente foram utilizados os indígenas, também chamados de “negros da terra”. Entretanto essa escravização gerava uma série de conflitos entre os jesuítas, que queriam catequizar os silvícolas, e os colonos, que queriam escravizar os indígenas, principalmente aqueles já “amansados”, ou seja, aqueles que entendiam o português e já tinham tido contato com os portugueses.

Motivada pela polêmica da questão indígena, somada aos altíssimos lucros proporcionados pelo tráfico internacional de escravizados africanos, a Coroa Portuguesa proibiu a escravização dos indígenas e incentivou o uso da mão de obra escravizada africana.

A alta mortalidade dos indígenas causada pelas doenças trazidas por europeus e africanos também contribuiu para o desuso da escravidão indígena, mas o fator principal foi o lucro proporcionado pelo tráfico internacional de escravizados.

Essa política de adoção da escravidão negra foi também fundamentada e legitimada pela Igreja Católica, por meio das bulas papais *Dum Diversas*, de 1452, que permitia escravizar “sarracenos e pagãos” e a bula *Máxima Pontifex*, de 1455, que basicamente reforçava as decisões anteriores. A legitimação ocorria por meio da leitura de que os povos descendentes de Cam, filho amaldiçoado de Noé, deveriam ser castigados a serem os “servos dos servos”.

## DIÁSPORA AFRICANA E OS NAVIOS “TUMBEIROS”

A população africana foi trazida à força para o continente americano em condições terríveis nos **Navios Negreiros**, cuja mortalidade era tão alta que também eram chamados de **Navios Tumbeiros**. Estima-se que mais de 5 milhões de pessoas foram levadas ao Brasil, principal mercado americano da mão de obra escravizada, enquanto que para o continente americano como um todo tenham sido destinados mais de 9 milhões de seres humanos. Esse episódio é conhecido como **Diáspora Africana**.

# TRABALHO PESADO DOS ESCRAVIZADOS

Ao chegar à América, os escravizados eram destinados aos mercados escravistas. Os principais mercados no Brasil eram os portos de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Luís e Olinda.

As pessoas de diferentes etnias e tribos eram propositalmente misturadas, para **dificultar a união** entre os africanos e evitar **fugas e revoltas**. Os jovens homens e mulheres eram mais caros, visto que tinham ainda muitos anos de escravidão pela frente e poderiam servir de “reprodutores”. Essa era a lógica perversa escravista: tais pessoas não eram vistas com dignidade nem como seres humanos, mas como peças e mercadorias.

Os escravizados eram em geral divididos em duas “categorias”: os boçais e os ladinos. Aqueles que dominavam a língua portuguesa ou que tivessem aspectos físicos mais parecidos com os europeus, como pele mais clara, eram denominados de negros “**ladinos**” e em geral eram destinados aos **trabalhos domésticos**. Já os escravizados que não dominavam a língua portuguesa eram chamados de **boçais** e destinados aos trabalhos mais pesados, fosse na **lavoura**, durante o ciclo do açúcar, fosse para as **minas**, no ciclo do ouro.

No período aurífero, ao longo do século XVIII, a lógica urbana da região mineradora contribuiu para o surgimento dos **escravos de ganho**, escravizados que eram utilizados para atividades remuneradas diversas, como venda de quitutes, trabalhos de aluguel e até mesmo o comércio.

## RESISTÊNCIA AFRICANA

É claro que existiu resistência! Achar que os escravizados se sujeitavam a escravidão porque eram “indolentes” é reproduzir o **racismo** construído ao longo dos quase quatro séculos de escravidão.

Desde o começo, ainda no século XVI, os africanos reagiram à escravidão, principalmente por meio de **fugas**, formação de **quilombos**, **revoltas**, ataque contra capatazes e capitães do mato e até mesmo com medidas mais drásticas como **abortos e suicídios**.

Os quilombos tentavam reproduzir muitas das práticas que as populações africanas possuíam na África. O maior e mais emblemático quilombo foi o complexo de Palmares, que se tratava não apenas de um, mas de vários quilombos reunidos em uma mesma região, no atual estado de Alagoas. Liderado inicialmente por Ganga Zumba e depois por Zumbi, Palmares cresceu muito por conta da invasão holandesa ao Brasil, no século XVII, período em que ocorreu muitas fugas e a população quilombola nessa região aumentou.

## CONTEXTO DO PROCESSO DE ABOLIÇÃO

A abolição da escravidão no Brasil foi muito **lenta e gradual**, ocorrendo ao longo do século XIX durante o ciclo do café. Os africanos escravizados foram as “mãos e os pés” dos engenhos de açúcar, das datas e faisqueiras exploradoras de minério e também das fazendas de cafezais, mas foi justamente nesse ciclo que começou a ser substituída pela mão de obra assalariada, principalmente imigrantes europeus.

Além das pressões internacionais, principalmente vindas da Inglaterra, o crescimento e consolidação do capitalismo industrial no mundo demonstravam que a escravidão era uma instituição ultrapassada, principalmente porque escravizados não configuram um mercado consumidor, afinal **não são remunerados** pelos seus trabalhos, mas sim **custeados** pelos senhores.

As discussões humanistas típicas do **iluminismo** do século XIX também contribuíram para o aumento das críticas à escravidão. No entanto, a pressão interna dos latifundiários e traficantes de escravizados, atividades que lucravam com a exploração da mão de obra cativa, contribuíram para a permanência dessa desumana instituição.

Vale ressaltar que a partir da década de 1870, com o surgimento de partidos republicanos, os militares - principalmente após a Guerra do Paraguai (1864 a 1870) e os grupos abolicionistas aumentaram o coro daqueles que pediam a Abolição. Geralmente reunidos em jornais e panfletos, esses grupos abolicionistas chegaram não apenas a defender a libertação dos cativos, mas até mesmo a agir: montavam grupos de auxílio às fugas, davam abrigo para escravizados fugidos ou compravam alforrias para libertar pessoas cativas.

## LEIS ABOLICIONISTAS E OUTRAS NEM TANTO...

*Desde a vinda da família real portuguesa, em 1808, que o Brasil tinha se comprometido em abolir gradativamente a escravidão, mas leis efetivas só apareceram em meados do século XIX.*

*Em 1831, o governo regencial proibiu o tráfico de escravos, mas na prática o comércio de escravizados continuou existindo sem grandes problemas. Era a **Lei Feijó**, que teve pouco efeito prático e foi substituída pela **Lei Eusébio de Queirós**, em 1850. Esta teve uma efetividade maior, já que de fato proibia a entrada de escravizados, fiscalizando os portos brasileiros.*

*Essa lei foi uma versão brasileira das pressões que Inglaterra vinha fazendo ao Brasil em relação ao tráfico internacional de cativos, expressa no **Bill Aberdeen** de 1845. Esta medida britânica combatia o tráfico de navios negreiros no Atlântico, afetando principalmente o Brasil, mas era mais difícil de ser aplicada, já que cobrir toda a extensão do Atlântico Sul não era tão fácil quanto fiscalizar os portos brasileiros.*

*Vários marcos legais foram estabelecidos ao longo da segunda metade do Século XIX. Em 1871, foi aprovada a **Lei do Ventre Livre**, que libertava os filhos e filhas de escravizadas nascidas a partir da data de promulgação. Em 1885, foi a vez da **Lei dos Sexagenários**, também chamada de **Lei Saraiva-Cotegipe**, que liberava os escravizados com mais de 60 anos. Esta lei ainda hoje é repleta de polêmicas sobre sua efetividade e sobre a quem realmente ela beneficiou: os escravizados, que só seriam libertados com 64 passando ainda 4 anos como escravos para indenizar os seus senhores, ou os senhores, que se livravam do fardo de um escravizado idoso?*

*Vale ressaltar que, em 1884, algumas províncias **aboliram precocemente** a escravidão, como foi o caso da província pioneira Ceará, a qual ganhou o epíteto “Terra da Luz”, seguida das províncias do Rio Grande do Sul e Amazonas.*

## SITUAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES APÓS A ABOLIÇÃO

Após a abolição em 1888, com a assinatura da **Lei Áurea**, os ex-escravos e seus descendentes tiveram liberdade e... só. Nenhuma política complementar para a melhoria de vida e ascensão social foi garantida, assim os ex-escravos continuaram sem acesso aos bens materiais.

Dessa forma, uma população que passou quase quatro séculos escravizada, sem acesso à educação, trabalho digno, terra e igualdade de tratamento, continuou sem educação, trabalho digno, terra e igualdade de tratamento. Assim, a situação de **exclusão socioeconômica** permaneceu mesmo após o fim da escravidão.

Muitos foram morar nas periferias, morros e bairros mais distantes ou em outros locais sem as mínimas condições e infraestrutura. Outros descendentes permaneceram atrelados aos seus antigos senhores, já que não tinham para onde ir ou simplesmente não tinham conhecimento necessário para modificar a condição de dependência financeira.

Apesar de não existirem leis oficiais de segregação racial no Brasil, como existiram nos EUA, as leis brasileiras **reproduziam** um **racismo** velado e até maquiavélico, como a proibição da “vadiagem” ou de ficar a esmo nas ruas, proibição das “danças capoeiras” e das rodas de tambor, entre outras práticas notoriamente afro-brasileiras.

Vale lembrar da **Lei de Terras**, de 1850, que determinou que a aquisição de terras no Brasil ocorreria apenas por meio da compra. Esta medida excluiu todos aqueles que não tinham condições econômicas de ter dinheiro para adquirir terras, como os escravizados e ex-escravizados, os imigrantes recém-chegados e a população pobre em geral.

A situação de exclusão era tão grave, que os descendentes de escravizados só encontravam **trabalhos degradantes** ou extremamente **extenuantes** como carregadores de latrina, marujos, empregados domésticos e os trabalhos braçais mais baixos. Assim além do preconceito racial, os ex-escravos foram relegados ao preconceito socioeconômico.

## SITUAÇÃO NA REPÚBLICA

A proclamação da República, em 1889, não alterou em nada a situação de exclusão, afinal a **ausência de políticas de inserção social** persistiu.

Algumas práticas como castigos físicos continuaram em trabalhos desempenhados pelos negros. Na marinha brasileira, por exemplo, as chibatadas ainda eram um meio de punir e “disciplinar” os marujos, os quais eram majoritariamente afro-brasileiros. Essa questão culminou com a eclosão da Revolta da Chibata, em 1910, liderada pelo marujo negro João Cândido, que ficou conhecido como Almirante Negro.

## SITUAÇÃO DOS AFRODESCENDENTES HOJE

Como podemos perceber, o Brasil cresceu com uma ideia preconceituosa em relação aos trabalhos braçais e manuais, trabalhos que devem ser desempenhados por uma “classe inferior” e por isso são desvalorizados e mal remunerados.

O povo africano que foi escravizado no Brasil não teve assim as mesmas condições para ascensão e melhoria das condições materiais, mesmo compondo mais de 55,8% dos quase 210 milhões de habitantes, ou seja, a maioria da nossa nação.

As populações afro-brasileiras ainda hoje **sofrem preconceitos** e são maioria entre a população de menor renda, são maioria nas periferias e favelas e compõem a maior parte da situação de **vulnerabilidade social**.

Entre as vítimas de violência os jovens negros são maioria. Estima-se que a cada 100 pessoas mortas violentamente no Brasil, 71 são negras. As chances de um jovem negro morrer por violência em nosso país é 2,7 vezes maior que a de um jovem branco.

Entre os desempregados e desocupados, 63,5% são afro-brasileiros, dado que ocorre justamente pela menor escolaridade e acesso à educação, que afeta mais esta população que a população branca, que majoritariamente tem mais acesso à educação de qualidade e ao ensino superior.

As disparidades por renda são gritantes, evidenciando a exclusão socioeconômica persistente: entre os brasileiros mais ricos, apenas 11% são negros e pardos. Já entre os brasileiros que ganham apenas um salário mínimo por mês a porcentagem é muito maior: 65% são negros e pardos.

# LEI DE COTAS

Nos últimos anos tem se intensificado as **políticas afirmativas** de inclusão racial, como a **Lei de Cotas Raciais** (lei 12.711), de 2012, que facilitou o acesso de jovens negros e negras à universidade. No entanto, ainda são passos pequenos para um país que viveu 388 anos de escravidão. O Brasil ainda está longe do ideal... nossa Dívida Histórica ainda é imensa.



## VÍDEOS PARA ESTUDAR

*A origem da escravidão no Brasil*  
CANAL NERDOLOGIA

CLIQUE AQUI

*Abolicionismo e fim da escravidão*  
CANAL NERDOLOGIA

CLIQUE AQUI

*As estatísticas que revelam a desigualdade racial no Brasil e nos EUA*  
BBC NEWS BRASIL

CLIQUE AQUI

*Desigualdade Racial no Brasil - 2 minutos para entender!*  
SUPERINTERESSANTE

CLIQUE AQUI

*Você sabe o que é o racismo?*  
CANAL GNT

CLIQUE AQUI

*Transição do trabalho escravo para o assalariado*  
ENEM ACTION

CLIQUE AQUI



## TEXTOS PARA ESTUDAR

*Morte de Miguel 'mostra como ideia de supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora*  
BBC

CLIQUE AQUI

*Desigualdades raciais no Brasil comprometem oportunidades de trabalho e desenvolvimento humano*  
ONU BRASIL

CLIQUE AQUI

*Preconceito racial e racismo institucional no Brasil*  
LE MONDE DIPLOMATIQUE

CLIQUE AQUI



**VISITE NOSSO SITE  
E SIGA NOSSAS REDES**

